

AUTO-PERCEPÇÃO DO PAPEL DA MERENDEIRA NO ESPAÇO ESCOLAR

Nadia Kunkel Szinwelski¹, Aline C. Lalana², Eduarda Mariotti², Janaévi M. Belusso², Luciara Souza Gallina¹, Carla Rosane Paz Arruda Teo¹.

¹ Nutricionista. Docente do Curso de Nutrição da Área de Ciências da Saúde da Universidade Comunitária da Região de Chapecó

² Acadêmica do Curso de Nutrição da Universidade Comunitária da Região de Chapecó

RESUMO

As merendeiras são manipuladoras de alimentos encarregadas do preparo, da distribuição e de todas as atividades que envolvem a produção de refeições servidas nas escolas. Elas possuem papel fundamental nas ações desenvolvidas pelo PNAE e se configuram o elo entre a alimentação escolar e o aluno. O objetivo do presente estudo foi conhecer a auto percepção de merendeiras sobre o seu papel no ambiente escolar. Estudo descritivo de abordagem qualitativa desenvolvido através de uma Roda de Conversa com 19 merendeiras de escolas públicas estaduais da área urbana do município de Chapecó – SC. A análise seguiu a técnica de análise de conteúdo. As merendeiras sentem-se valorizadas principalmente pelos alunos e pais, no entanto, mostram relevante descontentamento em relação ao olhar que os demais profissionais, com as quais convivem no seu trabalho, especialmente os professores, tem sobre o seu papel. Além disso, as merendeiras sofrem com uma grande sobrecarga de trabalho a que são expostas todos os dias, promovendo grande insatisfação e desgaste físico, pois além de realizarem o preparo e a distribuição de alimentos elas normalmente são responsáveis pela limpeza da escola e também ao cuidado dos alunos. São necessárias ações que transformem o atual papel da merendeira no espaço escolar, bem como de sua percepção e da percepção dos demais que com ela convivem. Para cumprir também um papel de educadora, além desta valorização, são necessárias capacitações para qualificar o profissional.

Palavras-chave: Alimentação Escolar; Merendeiras; Educação em Saúde; Saúde do Trabalhador

INTRODUÇÃO

O Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) visa atender escolares matriculados em escolas públicas de todo o país durante a jornada de aulas. De âmbito Nacional, este programa, tem como objetivo colaborar com o desenvolvimento e o rendimento do escolar, com a oferta de alimentos seguros, de qualidade e saudáveis durante todo o ano letivo (BRASIL, 2013).

Para oferecer uma alimentação de qualidade é preciso ter um bom planejamento de cardápio, de compra de gêneros alimentícios e de condições adequadas de preparação. Além disso, essas preparações precisam respeitar os hábitos alimentares dos escolares e a região do país em que se encontram. Portanto, para o preparo das refeições servidas aos educandos, existem funcionários contratados especificamente para a função, que são denominados de merendeiras ou cozinheiras (TANAJURA; FREITAS, 2013).

Embora se saiba da importância dos professores e dos profissionais da saúde, no processo de aprendizagem e no desenvolvimento das atividades de educação em saúde, as merendeiras, que participam de todos os processos dentro da escola que envolve a alimentação, podem ser consideradas fundamentais para o efetivo desenvolvimento da educação em saúde, principalmente quando o foco é a educação alimentar e nutricional aos escolares (FERNANDES; FONSECA; SILVA, 2014).

As merendeiras são manipuladoras de alimentos encarregadas do preparo, da distribuição e de todas as atividades que envolvem a produção de refeições servidas nas escolas. Elas possuem papel fundamental nas ações desenvolvidas pelo PNAE e se configuram o elo entre a alimentação escolar e o aluno. Diante disso, seria interessante criar espaços para efetuar a participação desta profissional também no âmbito da educação, já que o seu papel no ambiente escola vai muito além do processo de produção de refeições (COSTA; LIMA; RIBEIRO, 2002). Segundo Nunes (2000), elas têm sensibilidade para outras questões, outras dimensões da vida, pois possuem um conhecimento de ordem prática e que deveria ser reconhecido no processo de formação de comportamentos e atitudes relativos à ética e à convivência social.

A valorização do papel da merendeira nesse processo apresenta-se fundamental e inicia-se pela compreensão das percepções que os integrantes da comunidade escolar têm sobre ele, percepções estas que não são neutras e que revelam um conjunto de representações de homem e de sociedade construídas nas trajetórias de vida de cada um. Nessa perspectiva, o objetivo do presente estudo foi conhecer a auto percepção de merendeiras sobre o seu papel no ambiente escolar.

METODOLOGIA

Estudo descritivo de abordagem qualitativa. Foram convidadas para uma Roda de Conversa todas as merendeiras de 27 escolas públicas estaduais da área urbana do município de Chapecó – SC. O encontro aconteceu na sede da AMOSC (Associação dos Municípios do Oeste de Santa Catarina) e compareceram 19 merendeiras. A coleta dos depoimentos foi semi-dirigida a partir de um roteiro geral através do qual se pretendeu apenas nortear o depoimento, dando liberdade ao entrevistado de manifestar-se livremente sobre os temas propostos.

As Rodas de Conversa, mais que uma técnica de pesquisa, estabelecem um espaço de diálogo e interação, possibilitando aos sujeitos da pesquisa ampliar suas percepções sobre si e sobre o outro no cotidiano escolar. A técnica permite que os participantes expressem,

concomitantemente, suas impressões, conceitos, opiniões e concepções sobre o tema proposto, assim como permite trabalhar reflexivamente as manifestações apresentadas pelo grupo. Permite ainda a interação entre o pesquisador e os participantes da pesquisa por ser uma espécie de entrevista de grupo, como o próprio nome sugere, não se tratando de um processo diretivo e fechado em que se alternam perguntas e respostas, mas uma discussão focada em tópicos específicos na qual os participantes são incentivados a emitirem opiniões sobre o tema de interesse (IERVOLINO; PELICIONI, 2001 & MELO; CRUZ, 2014). No presente estudo, os tópicos direcionadores da roda de conversa foram: a satisfação e a valorização profissional e o papel operacional desenvolvido na escola.

O registro das interações aconteceu por meio de gravações de áudio. Os depoimentos das merendeiras foram transcritos, sistematizados e textualizados para posterior análise, a qual seguiu a técnica de análise de conteúdo, que consiste em uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e por reagrupamento segundo a analogia (BARDIN, 2011). Os mesmos são apresentados ao longo do texto seguidos da letra M (merendeira) e de um número de identificação, visando ilustrar os achados principais das análises.

Todas as atividades foram desenvolvidas pautadas pelos preceitos éticos vigentes da pesquisa envolvendo seres humanos e apenas após terem sido obtidas todas as autorizações necessárias. O projeto que originou este estudo foi aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa da Unochapecó sob o protocolo de pesquisa nº 212/09.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Satisfação e valorização da merendeira no espaço escolar

O reconhecimento e a valorização dos funcionários de escolas alteram as relações no interior das instituições educacionais, produz um profissional com mais autonomia e, conseqüentemente, expande a possibilidade de democratizar a gestão das escolas e superar o autoritarismo (MORAIS, 2009).

No âmbito deste processo de reconhecimento e valorização do profissional que atua no interior de instituições educacionais, destaca-se a necessidade de reconhecer a relevância do prestígio social no processo de valorização do profissional que está voltado diretamente ao preparo da alimentação escolar, o manipulador de alimentos ou popularmente conhecido a merendeira. Considerando-se a necessidade que o ser humano tem de ser notado e admirado pelos outros componentes de sua equipe de trabalho, a merendeira deseja receber um tratamento da escola semelhante ao dado aos demais profissionais que lá trabalham (GOMES, 2014).

No presente estudo, quando questionadas sobre a percepção que tem da sua valorização e da valorização do trabalho que realizam, muitas delas relatam que gostam do que fazem, no entanto, ainda necessitam que alguns aspectos sejam melhorados para que o seu trabalho seja mais proveitoso e gratificante, a exemplo, a melhora da remuneração e a necessidade de ajudantes para auxiliar nas atividades. Em relação à valorização do seu papel consideram ser valorizadas principalmente pelos alunos e pelos pais dos alunos como podemos observar:

Eu me sinto valorizada, porque eu recebo elogio das crianças, dos pais, dos professores, da direção da escola. Eu me sinto feliz porque elogio não me falta, recebo flores, as crianças quase todo dia chegam com uma flor (M17).

Eu gosto do meu trabalho, meu local de trabalho é ótimo, sou bem valorizada pelas minhas superiores (M5).

As crianças, os pais, valorizam nós, porque sabem que a gente é como uma segunda mãe lá dentro da escola, pras crianças (M18).

Em estudo realizado com merendeiras, Fernandes, Fonseca e Silva (2014) também se depararam com falas de merendeiras que expressavam a valorização desta profissional sob diversos olhares. Primeiramente as profissionais justificam que a merendeira não é uma simples cozinheira quando afirmam que também são educadores e que além de cozinheiros, são faxineiros, estoquistas, copeiros e portanto não devem ser considerados como simples cozinheiros. Sua valorização ainda está ligada à importância atribuída ao consumo da alimentação no espaço escolar, pois o funcionamento da escola está diretamente associado ao fornecimento da alimentação às fazendo reconhecer a tamanha importância que exercem dentro do espaço escolar. Ainda colocam que o trabalho na escola é muito valorizado pelos alunos. A relação entre os manipuladores de alimentos e os alunos é marcada pela afetividade, característica considerada um fator influente na forma de trabalho destes profissionais. No entanto, apesar de todos estes aspectos que atribuem tamanha valorização ao papel da merendeira, ao refletirem sobre a remuneração a percepção sobre o valor da profissão se modifica um pouco.

Estudo de Teo, Sabedot e Schafer (2010), sobre as potencialidades e limites das merendeiras como agentes de educação em saúde, concluiu que as próprias merendeiras tendem a desvalorizar seu papel no cenário escolar, pois as mesmas se reservam à condição de fazedoras da merenda.

No presente estudo, apareceu muito fortemente na fala das merendeiras um sentimento de desvalorização e invisibilidade diante dos demais profissionais com quem convivem diariamente, como a gestão e os professores:

Valorização pelos membros da convivência... eu acho que não (M12).

É diferente o tratamento. Tu é servente, eu sou professora (M18).

A gente brinca, nós somos a ralé, a senzala e que existe um degrau, eu to aqui, tu tá ali, subalterna, me sirva bem (M8).

Devido ao cargo não exigir alto nível de escolaridade, as merendeiras têm seus saberes ainda mais desvalorizados no ambiente de trabalho. Segundo Nunes (2000), as professoras, trabalhadoras intelectuais, com as quais as merendeiras se relacionam cotidianamente, são mais valorizadas justamente por seu saber escolarizado e estão em outro nível dessa hierarquia representando poder dentro da escola.

Na fala das merendeiras que participaram da presente pesquisa, a valorização do profissional com maior escolaridade também apareceu de maneira clara:

Tu é servente, eu sou professora. Porque elas acham que nós não estudamos, e elas tiveram um estudo, por tanto você é minoria, é invisível (M18)

Tem uma professora lá na escola onde é que eu trabalho que ela disse assim pra mim um dia “eu tenho pós-graduação, eu posso comer aqui na cozinha” [...] (M17).

A gente não tem vez nem voz. Aconteceu um problema a gente abaixa a cabeça e vai trabalhar (M17).

Rios e colaboradores (2007) afirmam que existe uma dificuldade do profissional de nível superior em aceitar que pessoas mais humildes sejam capazes de produzir pensamentos válidos, partilhar saberes e contribuir de forma organizada com seus conhecimentos tornando-as pessoas indiferentes frente aos gestores.

Estudo de Tanajura e Freitas (2013), conclui que as merendeiras parecem invisíveis e ignoradas pelos gestores, pois o que importa para estes é o produto final do trabalho, ou seja, o preparo e a distribuição da alimentação escolar. As merendeiras escolares, por desempenharem atividades simples como cozinhar e lavar, são como seres “invisíveis” aos olhos de outros setores sociais.

Ao serem excluídas, as merendeiras não têm reconhecimento do seu papel ou de seu potencial no contexto escolar, acabando por excluírem a si próprias e aceitarem essa condição. Invisíveis que estão até para si mesmas, outras atribuições gratificantes e não operacionais dentro da sua atual função para além do preparo da alimentação não são percebidas, atribuições estas, que certamente contribuiriam em muito para o processo de desenvolvimento do aluno e para a valorização do trabalho da merendeira no âmbito da escola (TEO; SABEDOT; SCHAFER, 2010).

Como já mencionado, muitas das falas relatam a valorização da merendeira pelos pais, alunos. No entanto, algumas delas relatam não considerar isso como uma valorização para com o seu trabalho. Para elas, valorização é principalmente uma melhor remuneração no final do mês, como podemos observar na fala a seguir.

[...]valorização pra mim é bem diferente do que ser elogiado por aluno, só que no final do mês o salário é o mesmo, elogio não enche barriga. [...](M8).

Sabemos que a remuneração deste grupo profissional é na grande maioria das vezes baixa, o que provoca desânimo e consequentemente insatisfação. Para além do descontentamento salarial, também foram citados outros aspectos que contribuem para o sentimento de desvalorização, como a falta de preocupação e cuidado por parte de outros membros da comunidade escolar:

Por que valorizar dizendo que ta bem feito, bonito e preparado, é um elogio, tudo bem. Agora, valorizar é saber se a pessoa ta arrebetada e chamar fulano pra dar uma força. Isso é valorizar (M8).

Se a gente adoce, não tem direito a uma substituta. Porque? O professor adoce, ah corre lá um substituto (M12).

Agora eu to com um problema sério... com um cisto no rim, tu acha que alguém disse: “não erga aquela caixa lá?!” Não! Se eu quero eu tenho que erguer. Então esse lado do carinho com nós falta das escolas (M18).

As merendeiras se ressentem de não serem reconhecidas e desejam ser tratadas como são os demais integrantes da equipe escolar, desta maneira, almejam além de valorização financeira, valorização social com condições adequadas de trabalho, onde valorizar é garantir os valores morais e éticos do indivíduo (GOMES, 2014).

Sobrecarga de trabalho

As atividades das merendeiras foram intensificadas no decorrer dos anos com as modificações do cardápio, entretanto, não ocorreu à incorporação de um novo turno de trabalho que pudesse amenizar essa sobrecarga, nem houve aumento de funcionários. Essa intensificação é devida às expressivas modificações qualitativas e quantitativas no cardápio, estabelecidas por diretrizes macropolíticas do PNAE, e não a uma questão relacionada à má administração do tempo e das tarefas por parte dessas trabalhadoras (TAKAHASHI; PIZZI; DINIZ, 2010).

O trabalho desses profissionais é marcado pela pressão e pelo desgaste físico decorrentes de atividades demarcadas pelo tempo, fazendo com que desempenhem várias tarefas ao mesmo tempo, o que gera, muitas vezes, ansiedade, insatisfação, desgaste e doenças (NUNES, 2000). O excesso de trabalho é caracterizado pelo número reduzido de funcionários para realizar diversas atividades, pelo próprio exercício diário, que é marcado por um ritmo considerado “pesado”, e por desempenhar atividades que não são atribuições das merendeiras, como, por exemplo, supervisionar escolares (TANAJURA; FREITAS, 2013).

As falas das merendeiras do presente estudo deixam claro o quanto estas profissionais estão sobrecarregadas dentro do seu espaço de trabalho e como elas tem a percepção de que isto é um grande problema no seu dia a dia, já que tudo o que realizam extrapola o seu limite, vai além do seu potencial.

[...] eu tenho lanche dos professores, lanche dos alunos, eu tenho toda a cozinha, a louça, tudo que é evento que sai na escola, e ainda pra limpeza durante o dia. [...] quando eu termino a cozinha, passo pano, terminei a louça eu tenho que varre sala, que lavar pano ainda no tanque, eu tenho que lavar minhas toalhas, eu tenho que fazer tudo (M18).

[...] antes de eu ir pra cozinha eu tenho três salas pra limpar, depois que eu deixei a cozinha limpinha, pronta, louça limpa, tudo, eu tenho mais três salas pra limpar, pra depois ir pra casa descansar. Sendo que nas horas, estando cozinhando ou não, vem criança com dor de barriga, com dor de cabeça, com dor de dente, com dor de tudo... e a gente tem que tratar, tem que dar um jeito (M12).

Esta sobrecarga de trabalho advém principalmente do fato de que na sua grande maioria, acumulam as tarefas de merendeira e de servente, pois além de preparar e distribuir os alimentos aos alunos, ficam responsáveis por realizar a limpeza da escola, sendo que esta deveria ser atividade privativa do servente quando contratado para trabalhar na escola. Assim como mencionam as autoras Teo, Sabedot e Schafer (2010), isso, além de representar uma sobrecarga de trabalho operacional que as desgasta e as indisponibiliza para outras percepções sobre seu papel na escola, ainda se coloca como uma contradição em relação ao foco dos treinamentos oferecidos a elas, que está indubitavelmente posto na questão higiênico sanitária da produção de alimentação já que se a merendeira está envolvida com a limpeza e ao mesmo tempo com a alimentação, o risco de contaminação dos alimentos torna-se muito grande, pois a merendeira ao limpar meche com locais sujos, contaminados e também com produtos de limpeza, podendo veicular organismos no corpo e nas roupas e transmiti-los ao alimento.

Além de precisar realizar atividades que seriam atribuição do servente, a merendeira queixa-se ainda de ter que fazer o lanche diferenciado para os professores. As atividades extras acabam por tomar tempo e sobrecarregar ainda mais uma função que já é por si desgastante.

[...]Mas daí você tem que fazer sempre um diferencial (PRO PROFESSOR)[...] Então sempre acontece isso. [...]Nós somos cobradas, tem que fazer (M8).

A questão dos lanches diferenciados para os professores, também é analisada do ponto de vista das merendeiras como algo que interfere na aceitação dos alunos pelos alimentos que são oferecidos na merenda escolar. Relatam que os alunos reclamam de ter lanche diferenciado trazem à tona a questão do professor não ser um bom exemplo para o aluno, em se tratando de exemplo de bons hábitos alimentares.

[...] a gente faz feijão e arroz pro aluno, uma carne e salada e eles vê a gente indo com a bandeja né e falam “Ah sim, pra nós feijão, arroz e carne, pro professor vai bolo né, e cafezinho” (M13).

[...] eles mesmo vêem que é diferenciado. Porque é que elas tão ensinando uma coisa, mas elas mesmas tão fazendo outra. Tudo o que tu for fazer, tu tem que dar exemplo né?!. Claro, a professora ta lá, falo a tarde toda que é saudável, que tem que comer verdura, tem que comer fruta, tem que comer, mas daí chega na hora dela lanche é bolo, café. Daí onde é que ta o incentivo do aluno? E o aluno enxerga. Queira ou não ele enxerga indo pra sala dos professores o lanche diferenciado (M12).

Segundo Gomes (2014) as merendeiras são ainda mais sobrecarregadas devido os horários das refeições que regem o trabalho delas, e muitas vezes precisam abdicar de algumas atividades em nome da pontualidade, já que um atraso na refeição significa uma mudança em toda a organização escolar do dia. O preparo de uma refeição termina e logo se inicia o procedimento de servir os escolares. Em seguida, recolhem-se e higienizam-se os utensílios e já se inicia o preparo da próxima refeição. É um ciclo de atividades exaustivas, em que as trabalhadoras permanecem de seis a oito horas em pé durante todo o turno de trabalho. Desse modo, o estresse da funcionária é evidente (TANAJURA; FREITAS, 2013).

As merendeiras relatam que as atividades realizadas são feitas na correria e muitas vezes essa falta de tempo acaba afetando na qualidade da alimentação, pois referem que se tivessem mais tempo, poderiam fazer melhor, como podemos observar:

[...] a gente não pode fazer melhor por causa do tempo né, que é tudo correndo, o tempo é pouco e é bastante alunos (M6).

[...] no caso deste esquema de tu ta preparando uma merenda com mais qualidade, ... tu tem pouco tempo (M5).

As merendeiras colocam ainda a necessidade de mais ajudantes dentro da cozinha, pois a maioria trabalha sozinha:

[...] A gente precisaria de mais né... ter mais uma ajudante pra gente desenvolver melhor (M6).

[...] o meu trabalho é bastante difícil porque eu sou a única cozinheira de dia [...] daí tá complicado mesmo, eu to com os braços bastante danificados [...] e nesse caso eu gostaria que eles botassem alguém pra... definitivo ali dentro da cozinha, pra cortar um legume, lavar uma louça, pra ajudar, ta sempre ali, daí então se torna difícil pra mim né, sozinha (M13).

[..] E eu sou sozinha, ninguém me dá uma mão (M18).

Segundo Teo, Sabedot e Schafer (2010), o número de merendeiras por escola é realmente insuficiente para as atuais demandas operacionais da função, havendo, de forma geral, uma em cada escola. Costa, Lima e Ribeiro (2002), afirmaram que, quando o número de merendeiras é insuficiente, pode-se gerar um desgaste físico superior ao suportável, comprometendo a saúde dessas mulheres.

Esta deficiência acaba tendo que ser suprida, nos momentos diários de pico, pelo compartilhamento de atividades entre merendeiras e serventes e neste caso, além da não especialização, entra novamente em discussão a questão da contaminação. Já que o servidor de serviços gerais pode estar com as mãos e roupas contaminadas por bactérias oriundas do serviço realizado e quando em contato com a cozinha e a manipulação de alimentos, haverá o risco de contaminar o processo de alimentação escolar (SOALHEIRO; RUMIN, 2013).

A percepção das merendeiras deste trabalho sobre a intensidade do trabalho, é a de que é um trabalho pesado, com carga horária extensa, esgotante, não somente fisicamente, mas também psicologicamente:

Emocionalmente é esgotante (M3).

Muito esgotante. A gente se estressa de mais (M1).

O ambiente de trabalho da merendeira, além de ser geralmente desfavorável pela estrutura física inadequada e deficiência de equipamentos, apresenta quase sempre poluição sonora produzida pelos equipamentos utilizados nas cozinhas e pelos próprios escolares nos intervalos das aulas, contribuindo de certa forma, ainda mais para o aumento do estresse entre as trabalhadoras (TANAJURA; FREITAS, 2013).

Ao avaliar as falas das merendeiras, percebe-se que a maioria menciona o estresse como resultado da cansativa e repetitiva jornada de trabalho em que se dedicam todos os dias na escola. Algumas chegam a apontar que se faz necessário um acompanhamento psicológico:

Precisava também de um acompanhamento algum dia de alguma psicóloga, porque a gente se estressa muito (M13).

[...] Tu tem um limite pra trabalhar, pra sair às coisas digamos “certa”, e se tu passa, tu já vai se estressar, tu já vai trabalhar estressada, tu já não vai dar o melhor de ti (M5).

A gente se estressa de mais porque são horas, ali é pelo relógio não é pelo nosso tempo. Chegou às 10 horas o lanche tem que tá todo pronto, não interessa se teve tempo ou não (M1).

[...] Tu vai se estressando, vai no médico vai lá...[...] toma remédio, calmante, que ta esgotado (M18).

Estudo em escolas da rede pública do estado do Rio de Janeiro (SOUZA et. al., 2003) verificou, nas falas das merendeiras, a sobrecarga de seu trabalho e obteve expressões como: robôs, uma mulher carregando a escola nas costas e uma mulher com vários braços, fazendo mil coisas. Essas palavras traduzem os sentidos atribuídos por merendeiras às múltiplas e intermináveis funções que executam.

No estudo de Teo, Sabedot e Schafer (2010), um grupo razoável de merendeiras relatou afastamentos, e destes, grande parte, por motivos potencialmente relacionados à atividade que desenvolve, entre os quais problemas ortopédicos, varizes, hipertensão e o estresse, que é ocasionado por conta das atividades esgotantes em que realizam em seu cotidiano.

No entanto, a despeito do desgaste físico causado pela rotina e excesso de trabalho, as merendeiras ainda demonstram gostar do que fazem. Estudo realizado em João Pessoa (PB) constatou que, mesmo com a sobrecarga, as merendeiras revelam satisfação em dar alimentos aos escolares e o mesmo percebe-se neste estudo:

[..] eu gosto do meu trabalho, apesar de cansativo, meu local de trabalho é ótimo (M5).

O mesmo caso dela é o meu também. Eu... já digo eu me sinto bem (M13).

[...] é uma grande satisfação ver rostos felizes das crianças pra gente né. Eu gosto disso porque eu tenho 20 anos de cozinha [...] por mais que ta com problema a gente não olha pra aquelas crianças indiferente (M18).

Para Carvalho et. al. (2008) as merendeiras podem até gostar do seu trabalho, apesar das dificuldades, isto porque se acostumam ou naturalizam com o cotidiano, mas, provavelmente, não estão satisfeitas com as condições a que estão submetidas.

Merendeira: Papel de Educadora

Algumas condições que podem ser observadas na realidade da escola representam entraves à possibilidade de as merendeiras assumirem um papel de educadoras em saúde, como a sua baixa escolaridade, a desvalorização, a sobrecarga de trabalho, o desgaste físico decorrente e o tipo de capacitação que recebem, diante disso, esses fatores acabam interferindo diretamente no papel de educadora em que a merendeira poderia estar exercendo com os escolares. Por outro lado, alguns fatores surgem como potencialidades, favorecedores da qualificação dessas trabalhadoras para a educação em saúde. Dentre estes, se destacam o sentimento de gostar do próprio trabalho, o vínculo afetivo que desenvolvem com os alunos, a consciência que têm sobre a importância da alimentação, mesmo que no nível fisiológico apenas, e o desejo manifesto de maior participação e integração na escola (TEO; SABEDOT; SCHAFER, 2010).

Entende-se que a alimentação também é considerada uma atividade educativa com o intuito de fornecer aos alunos informações e conhecimentos relacionados à formação de hábitos alimentares saudáveis (CAVALCANTI; SILVA; SILVA, 2009).

Foi possível observar através da análise das falas das merendeiras, que a maioria tem a percepção da importância da alimentação para o aluno, mas poucas conseguem perceber seu papel de educadora:

Se a criança come e se alimenta bem, e ele estuda melhor, ele se desenvolve melhor (M18).

A gente dá lanche pra eles, eles vão pra sala e eu acho que isso aí ajuda na educação porque eles vão pelo menos com mais vontade pra sala de aula (M1).

Tu acaba educando que não pode ingerir muito sal, que tem que comer aquela salada, mesmo que é outra diferente, que não pode ser todody todo dia (M8).

Destaca-se que a merendeira hoje tem um papel fundamental na formação de educação dos alunos, pois de certa forma, acaba tendo um contato direto e diário com os mesmos (BRASIL, 2006). Atualmente, as novas diretrizes do Programa de Alimentação Escolar, ao destacarem a promoção de hábitos alimentares saudáveis e o reconhecimento da sua dimensão pedagógica, possibilitam maior visibilidade do desenvolvimento de atividades promotoras de saúde através do trabalho desenvolvido pelas merendeiras (ASSAO et al., 2012).

Segundo Assao et al., (2012) é possível afirmar que as merendeiras, além da importante atribuição que envolve todo o preparo e distribuição da alimentação, tornam-se fundamentais também no processo de promoção dos hábitos alimentares adequados no ambiente escolar. Estes profissionais, quando desenvolvem suas atividades, acabam conhecendo cada criança, como se comportam no grupo no momento em que recebem a alimentação, os alimentos que os alunos aceitam e os que rejeitam, como se comportam à mesa, tendo a oportunidade de orientá-los, incentivando o consumo de certos alimentos e ao não desperdício dos mesmos, explicando sobre o manuseio adequado dos talheres, e contribuindo ao mesmo tempo para a construção de hábitos alimentares adequados, assegurando às merendeiras relevante potencial para a educação em nutrição no espaço escolar.

É importante considerar que o trabalho da merendeira tem estado historicamente, situado na área da saúde, sendo que é sua atribuição preparar e distribuir refeições de

qualidade higiênica e nutricional, visando à promoção da saúde dos alunos através de uma alimentação adequada e balanceada em quantidade e qualidade suficientes. No entanto, a respeito disso, são necessários esforços para recolocá-la em outra dimensão: a da educação, pois a merendeira fica limitada à sua rotina de trabalho, que se resume na produção de refeições, faltando tempo para preocupar-se com o aluno que consome o alimento oferecido, tornando-se a prática pouco efetiva na área da educação no ambiente escolar (TEO; SABEDOT; SCHAFER, 2010).

Mas para que isso de fato aconteça, uma das questões que precisa ser revista e melhorada é a sobrecarga de trabalho deste profissional. Embora importante o seu papel no estímulo à alimentação saudável, em estudo de Fernandes, Fonseca e Silva (2014), para as merendeiras, o tempo, o excesso de trabalho, a visão dos profissionais que trabalham na escola são os principais empecilhos para que participem e desenvolvam projetos relacionados à educação alimentar e nutricional. Relatam ainda que estando envolvidas com esta ação provocaria uma demanda maior no trabalho, e que com o número de profissionais e equipamentos disponíveis atualmente isso não seria possível sem que as sobrecarregasse mais, deixando claro que atuar em outra atividade aumentaria sua carga de trabalho que já é considerada alta, não demonstrando qualquer perspectiva ou, mesmo, interesse em outras possibilidades de atuação.

Outra questão fundamental é a capacitação e a qualificação. Para que as contribuições da merendeira na educação sejam colocadas em prática, é importante que recebam treinamentos e capacitações adequadas, de modo a possibilitar a sua integração à equipe educativa da escola havendo interação com outros profissionais do espaço escolar, para que possam aprimorar seus conhecimentos, e desenvolver suas habilidades enquanto educadoras (CARVALHO et al., 2008). Teo, Sabedot, Schafer (2010), sugerem ainda que o planejamento de capacitações deveria prever qualificação para o autoconhecimento e para o relacionamento interpessoal, dentro de uma concepção de formação humana integral.

A falta de qualificação das merendeiras para exercer a função adquire maior valor ao se considerar o baixo nível de instrução. O despreparo, por não serem devidamente capacitadas para exercer a função, aliado ao acúmulo das atividades faz com os procedimentos tornem-se repetitivos, inadequados, comprometendo a qualidade da alimentação e também a saúde desses (TANAJURA, FREITAS, 2013).

Neste estudo, foi possível observar que as merendeiras sentem uma necessidade de receber mais cursos de capacitação para aprimorar seu trabalho no espaço escolar e trocar experiências com outras merendeiras:

Algum curso de culinária a gente teria que ter de vez em quando mesmo, pra sai da rotina (M13).

Fazer um curso aonde a gente possa trocar experiências, porque as vezes um produto só, eu sei fazer daquela maneira, mas a minha colega sabe fazer de outra. Então, trocar experiências (M12).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista dos argumentos apresentados em relação a auto-percepção das merendeiras sobre o seu papel no espaço escolar, observamos que as merendeiras sente-se valorizadas principalmente pelos alunos e pais, no entanto, mostram relevante descontentamento em relação ao olhar que os demais profissionais, com as quais convivem no seu trabalho, especialmente os professores, tem sobre o seu papel. Essa desvalorização dos demais profissionais advém principalmente do fato de que as atividades exercidas pelas merendeiras são consideradas simples de serem realizadas, e que não exigem capacitação e qualificação.

Ainda as merendeiras, na sua maioria, não possuem grande escolaridade, as tornando ainda mais desvalorizadas frente aos demais profissionais.

Além disso, as merendeiras sofrem com uma grande sobrecarga de trabalho a que são expostas todos os dias, promovendo grande insatisfação e desgaste físico, pois além de realizarem o preparo e a distribuição de alimentos elas normalmente são responsáveis pela limpeza da escola e também ao cuidado dos alunos. A função torna-se ainda mais esgotante e estressante devido a falta de mais ajudantes dentro da cozinha e também a falta de tempo para exercer todas as atividades as quais são responsáveis. Estes aspectos são também os principais empecilhos para que não exerçam também o papel de educadora, tão fundamental dentro da escola.

Neste sentido, são necessárias ações que transformem o atual papel da merendeira no espaço escolar, bem como de sua percepção e da percepção dos demais que com ela convivem. Este processo pode ser facilitado por meio de um maior número de profissionais, proporcionando menor carga de trabalho e um maior tempo para a sua atuação também como um agente educativo. Também é evidente que este profissional necessita de uma melhor remuneração e de maiores possibilidades de qualificação, assim é importante que a ele sejam oferecidas capacitações para que seu desempenho seja otimizado. Não somente isso, ações para a melhora das relações interpessoais precisam ser realizadas dentro do espaço escolar de forma que promovam a maior valorização deste profissional também pelos seus colegas de trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSAO, T. Y. et al. Alimentação do escolar: percepção de quem prepara e oferece as refeições na escola. **Segurança Alimentar e Nutricional Campinas**, 2012.

BARDIN, L. **Ánálise de conteúdo**. SP: Edições 70, 2011.

BRASIL. Políticas de Alimentação Escolar. **Curso técnico de formação para os funcionários da educação**. Brasília: Ministério da Educação, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, 2006. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/12_pol_aliment_escol.pdf

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação.

Resolução/CD/FNDE nº 26, de 17 de junho de 2013. **Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar aos alunos da educação básica no âmbito do Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE**.

CARVALHO, A. T. de; MUNIZ, V. M.; GOMES, J. F.; SAMICO, I. Programa de alimentação escolar no município de João Pessoa – PB, Brasil: as merendeiras em foco **Interface (Botucatu)**. [online]. 2008, vol.12, n.27, pp. 823-834. ISSN 1807-5762.

CAVALCANTI, A. da F.; SILVA, C. M. da; SILVA, M. Z. T. da. **Merenda escolar: uma questão de saúde e cidadania**, 2009. Disponível em:

<http://www.eventosufrpe.com.br/jepex2009/cd/resumos/R0077-1.pdf>. Acesso em: 01 Jun. 2015.

COSTA, E. de Q.; LIMA, E. da S.; RIBEIRO, V. M. B. O treinamento de merendeiras: análise do material instrucional do Instituto de Nutrição Annes Dias: Rio de Janeiro (1956-94). **Histórias Ciências Saúde-Manguinhos**, v. 9, n. 3, p. 535-560, 2002.

FERNANDES, A. G. de S.; FONSECA, A. B. C. da; SILVA, A. A. da. Alimentação escolar como espaço para educação em saúde: percepção das merendeiras do município do Rio de Janeiro, Brasil. **Ciência Saúde Coletiva**, v. 19, n. 1, p. 39-48, 2014.

GOMES, K. dos S. **Cozinhando e dialogando: merendeiras, suas possibilidades e desafios para ações de educação alimentar e nutricional em escolas públicas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UFRJ/NUTES, 2014. Disponível em:

<http://www.nutes.ufrj.br/mestrado/arquivos/DIS.Kelly%20dos%20Santos%20Gomes.pdf>.

Acesso em: 01 Jun. 2015.

IERVOLINO, S. A.; PELICIONI, M. C. F. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Revista Escola de Enfermagem**. USP, v. 35, n. 2, p.115-21, jun. 2001.

MELO, M. C. H. de; CRUZ, G. C. Roda de Conversa: uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no Ensino Médio. **Imagens da Educação**, v. 4, n. 2, p. 31-39, 2014.

MORAIS, J. V., A carreira e a gestão da escola - Valorização e democracia. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 3, n. 5, p. 399-412, jul./dez. 2009

NUNES, B.O. **O sentido do trabalho para merendeiras e serventes em situação de readaptação nas escolas públicas do Rio de Janeiro**. 2000. Dissertação (Mestrado) - Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. 2000.

RIOS, E. R. G. et al. Senso comum, ciência e filosofia. Elo dos saberes necessários à promoção da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Brasília, v.12, n.2, p. 501-507, 2007.

SOALHEIRO, Mariana Cardoso; RUMIN, Cassiano Ricardo; INTEGRADAS–FAI, Faculdades Adamantinenses. Análise de condições de trabalho de merendeiras de escolas públicas. **Revista OMNIA Saúde**, v. 10, n. supl., p. 12-13, 2013.

SOUZA KR, SANTOS AK, YASUDA N, SHARAPIN M. O desenvolvimento compartilhado de impressos como estratégia de educação em saúde junto a trabalhadores de escolas da rede pública do Estado do Rio de Janeiro. **Caderno Saúde Pública**. 2003;19(2):495-504

TANAJURA, I. M. P. de C.; FREITAS, M. do C. S. de. O relevante trabalho das merendeiras escolares de escolas públicas de Salvador, Bahia. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 36, n. 4, p. 919, 2013.

TAKAHASHI, M. A. B. C.; PIZZI, Célio Roberto; DINIZ, Eugênio Paceli Hatem. Nutrição e dor: o trabalho das merendeiras nas escolas públicas de Piracicaba—para além do pão com leite. **Revista Brasileira Saúde Ocupacional**, v. 35, p. 362-73, 2010.

TEO, C. R. P. A.; SABEDOT, F. R. B.; SCHAFER, E. Merendeiras como agentes de educação em saúde da comunidade escolar: potencialidades e limites. **Espaço para a Saúde**, v. 11, n. 2, p. 11-20, 2010.